

DIAGNOSTICO DAS DIFICULDADES DE ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Mônica Grazielle Gomes Araujo 1, Selma dos Santos 2, Thamires dos Santos Freitas 3

1. Bolsista PIBID/CAPES, Graduanda em Lic em Pedagogia Universidade Estadual de Feira de Santana, email: niellyshua@hotmail.com
2. Selma Santos, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: selmaxx@ig.com.br
3. Bolsista PIBID/CAPES, Graduanda em Lic em Pedagogia Universidade Estadual de Feira de Santana, email: thamy_freitas@hotmail.com

Palavras-chave: Escrita, diagnostico e mediação docente.

Introdução:

Ao iniciar o ano letivo é necessário aplicar uma atividade diagnóstica para fazer uma leitura da sala de aula e conhecer a escrita dos alunos individualmente. Para Zabala (2007), a avaliação inicial é o planejamento da ação que deve ser flexível podendo ser mudada e entendida como hipótese de intervenção que é feita em sala de aula, por meio de uma prova simples de escrita em que o professor verifica se o aluno sabe ou não os conteúdos conceituais do processo de aprendizagem que muitas vezes são limitados. Para que seja planejada essa ação avaliativa de intervenção, é considerada por pais, professores e alunos como um instrumento, que qualifica as aprendizagens dos alunos, por meio dos resultados obtidos e como sendo um processo pessoal e coletivo de interação dos alunos no ensino e aprendizagem.

Estas atividades podem ser primeiramente em forma de produções de textos e posteriormente aplica-se a outras atividades para ter uma visão geral das hipóteses de escrita que o aluno já possui. Na correção, o professor pode fazer uma tabela com os erros mais comuns de escrita para nortear a metodologia que será usada para que os alunos avancem na leitura e na escrita.

Material e Métodos:

Fizemos atividades textuais: em que permitiu ao aluno trabalhar com leituras de imagem, demos uma figura para a partir daí eles criarem livremente seu texto. Outra atividade desenvolvida foi levar musicas para sala de aula. Pedimos para que os alunos escrevessem musicas que eles gostavam de ouvir, pois se colocassemos na lousa a letra da musica os alunos simplesmente fariam copiar. A partir daí utilizamos as mesmas para identificar na escrita dos alunos o nível em que eles se encontravam. Essa foi uma estratégia muito significativa, pois partimos do que eles gostavam para diagnosticar possíveis problemas.

Discussão:

Levando em consideração o fato de que tornar uma criança letrada e com habilidades de desenvolver a escrita acaba se tornando um desafio, pois é notável que esses sujeitos carreguem consigo conhecimentos, crenças e atitudes prévias, onde os mesmos desempenham um papel importante na aprendizagem, embora, por outro lado, nem sempre sejam adequados. O reconhecimento dessas inadequações coloca a

necessidade de distinguir entre adquirir e reconstruir conhecimentos, mais de forma alguma dar o poder ao professor ignorar esses conhecimentos que os alunos já trazem do meio social, pois “As crianças não são meros sujeitos aprendizes, mas são também sujeitos que sabem” (GOODMAN, 1995).

Assim explicita Ferreiro (1985, p. 277) “Nenhum sujeito parte do zero ao ingressar na escola de 1º grau, nem sequer as crianças de classe baixa, os desfavorecidos de sempre”.

Nesse processo de aprendizagem da língua escrita, o trabalho com objetivos significativos para o aluno, contribuirá muito para o seu desenvolvimento. Quando o aluno percebe que portadores de textos estão ligados a assuntos do seu cotidiano, seu interesse é estimulado, pois entende que a língua escrita tem significado na sua realidade imediata.

Ao propor uma produção de texto nas turmas do 5º ano como bolsistas do PIBID/UEFS podemos observar que os erros de escrita não apareciam todos nas primeiras atividades previamente aplicadas. Era preciso apurar em diversas atividades e a partir delas procurar ajudar o aluno individualmente, respeitando as suas particularidades.

Nas correções constatarmos as seguintes dificuldades de escrita:

Aluno do ensino fundamental I	Parágrafo que não dava para entender o sentido	Falta Acentuação	Maiúscula/ minúsculas	Troca s/z falta r no final da palavra
Duas turmas participaram desta atividade diagnóstica	Os alunos apresentaram estas características na escrita	Os alunos não acentuavam corretamente as palavras	Os alunos misturavam letras maiúsculas e minúsculas no meio das palavras ou não colocavam letras maiúsculas no início de frases.	Os alunos trocavam o s nas palavras escritas por z ou o contrário. E faltava o r no final das palavras

Estes erros são considerados normais depois de aprenderem a escrever, pois os alunos se confrontam com as regras do sistema de escrita do português segundo Cagliari (1989) e ela ainda acrescentam que:

Essas regras são tiradas dos usos ortográficos que o próprio sistema de escrita tem ou de realidades fonéticas, num esforço da criança para aplicar uma relação entre letra e som, que nem sempre é unívoca

nem previsível, mas que também não é aleatória (CAGLIARI, 1989, p. 137).

Depois de exames mais apurados percebemos que os alunos estão no nível de escrita muito diferentes uns dos outros desde o nível silábico até o silábico alfabético. Para Ferreiro (1999), a escrita alfabética é o final da evolução construtiva do aprendizado da leitura e da escrita. Quando chega nessa fase a criança já passou por todas as outras, mas isso não significa que todas as dificuldades tenham sido superadas, pois mesmo estando alfabética ainda tem erros ortográficos que se estende por todo o processo acadêmico: “Isso não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas: a partir desse momento, a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito”. (FERREIRO, 1999, p.219) Então a nossa proposta é contribuir para que os alunos avancem nos níveis de escrita até chegarem a nível convencional no qual trabalharemos em nível ortográficos com eles.

Considerações Finais:

Através das atividades de diagnóstico realizadas com os alunos, percebemos a importância que a mesma tem na construção de um professor formador, pois o diagnóstico possibilitou a nós bolsistas uma melhor percepção das necessidades no que diz respeito à escrita dos alunos, para enfim traçar estratégias adequadas para as intervenções.

Concordamos com Zabala (2007), a ideia de que a avaliação, que os professores fazem com cada aluno, ajuda a saber das necessidades que cada um tem e oferecer as atividades adequadas para cada nível de aprendizagem, motivando-os para que continuem aprendendo e não estacione em uma hipótese. Por meio do diálogo e da confiança o professor deve valorizar o esforço dos alunos e falar sobre o resultado da avaliação, seus avanços, ponto de partida e os obstáculos que superaram e os obstáculos que superaram a mostrar que se realizarem os trabalhos com esforço suficiente poderá avançar. Por esse motivo produzimos módulos com atividades adequadas para essas turmas diagnosticadas, com atividades específicas para eles.

Referências:

- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 2. ed São Paulo: Scipione, 1994.
- FERREIRO, Emilia. Os problemas cognitivos envolvidos na construção da representação escrita da linguagem. In: **Alfabetização em Processo**. São Paulo – SP: Cortez, 1985.
- FERRERO, Emilia; TEBEROSK, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999, p.190 – 221.
- GOODMAN, Yetta M. Descoberta das invenções das crianças na língua escrita. In: **Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 89-110, 195 -221